Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Globo Class.: PPR00427

Data: 08.03.71 Pg.:

A Xavantina—Cachimbo deverá cortar 80 quilômetros dentro do Parque, integrando o complexo da Transamazônica. Orlando Vilas-Boas acusa que o traçado inicial determinava que ela contornasse o parque, para evitar problemas com os índios, mas que êsse traçado foi inadvertidamente modificado. A acusação inicial, entretanto, partiu do diretor executivo da Associação de Preservação da Vida Selvagem, naturalista Johan Dalgas Frisch, em documento enviado ao Presidente da República. O Dr. Noel Nutels é taxativo: "Orlando tem razão: a estrada liquidará o parque, sem a menor dúvida, e tôdas as experiências nesse sentido demonstram isso". Francisco Meireles discorda: "Não vejo por que a estrada não possa atravessar o parque; não acredito que o prejuízo seja maior do que a de outras frentes pioneiras abertas em terras de índios."

Opiniões diversas

MEIRELES: "O próprio Marechal Rondon, quando tomou a si a tarefa de abrir a linha telegráfica na selva virgem, sabia que iria passar por territórios indígenas até então nunca trilhados por elementos civilizados. Sabia que aquilo era uma violência contra os territórios indígenas, pois não deixava de ser uma violência. Mas exigia que se respeitasse a vida dos índios e se preservasse a sua integridade. Vários elementos das suas expedições foram flechados, mas não responderam à agressão dos índios. Depois de aberta a linha, êles foram atraindo o índio e pacificando-o.

NOEL: "O que Orlando relatou a O GLOBO assustou-me profundamente. Esse estrada é o princípio do fim do Parque Nacional do Xingu. Mas eu acredito que a FUNAI tem todo interêsse em manter a experiência dos Villas-Boas, no Parque do Xingu, a única, a meu ver, positiva, em relação a populações primitivas".

MEIRELES: "O Orlando, que tanto se opõe a essa estrada, estava sabendo que a expedição Roncador-Xingu, que mais tarde originaria o parque, se destinava ao desbravamento dessa região para mais tarde construir estradas e ocupar essas áreas. Roncador-Xingu era desbravamento, como a Transamazônica, a Acre-Brasília e outras frentes. Era uma penetração a êsse Brasil despovoado. Tanto isso é verdade, que se fêz a estrada de Aragarças para Xavantina. Os Villas-Boas não ignoravam isso e eu me surpreendo com as suas declarações. Êles deviam ter preparado os índios para êsse impacto. O motivo da ida dêles para ali foi preparar, com a Roncador-Xingu, os índios para essa Integração do Brasil Central.

NOEL: "Orlando tem razão, deve ser apoiado e espero que os antropólogos se movimentem nesse sentido. Estou com êle. Talvez fôsse interessante fazer uma consulta à Sociedade Brasileira de Antropologia, sôbre o assunto. Essa estrada é uma agressão. O trabalho dos Villas-Boas no Parque é de tal importância, que tem referências até no exterior. Recebi recentemente um livro de um famoso antropólogo francês, Robert Jaulin, chamado "La paix blanche", que faz referência ao trabalho no Parque Nacional, considerando-o como a única experiência válida até hoje, no mundo. E eu concordo com isso.

MEIRELES: "O contato com os trabalhadores da estrada não representa grande perigo para os índios do Parque. Pelos constantes contatos que têm mantido com os civilizados, o índio do Xingu já tem defesa contra a maioria das nossas doenças e os que ainda não manifestaram contato com o civilizado fogem, livrando-se do perigo. Não há, ali, índios que não tenham contato com civilizados, de alguma forma. O avião vai lá quase todo dia, levando visitantes.

NOEL: "Essa estrada levará aos índios do Parque doenças e, o que é o pior, os maus hábitos. Com relação à saúde, a população do parque é adaptada ao seu meio, tradicionalmente. Há contrôle de tuberculose e outras doenças. Os índios de lá já estão vacinados contra a maioria das doenças. Posso dizer, com segurança, que o estado do índio do Xingu é melhor do que o do homem do interior brasileiro de tôdas as áreas que conheço. Essa estrada facilitará o surgimento de doenças novas, mas a pior coisa é a destruição da sua cultura.

Assistência

Tanto Francisco Meireles, quanto o Dr. Noel, foram "alunos" do Marechal Rondon e embora suas opiniões divirjam sôbre vários pontos em causa conservacionista/indigenista, têm muitos pontos em comum.

Ambos defendem a tese de que o índio precisa ser assistido e, cada um a seu modo, quer o bem da população indígena e mesmo a sua integração.

MEIRELES: "O que devemos fazer não é impedir a integração do índio, mas assistí-lo. Devemos exigir que se dê assistência real e constante ao índio já pacificado. Pacificar para depois abandoná-lo à própria sorte representa um crime. Mas a FUNAI está encarando o problema com seriedade e procurando acertar.

NOEL: "O Brasil deixará de progredir, se não construirmos essa estrada? Todo povo sobrevive dentro da sua própria cultura. Todos os povos progridem na base de sua experiência passada. A experiência do Xingu, já com 25 anos, é a coisa mais acertada que já se fez até agora. Não vamos perturbá-la. Vamos, sim, assistí-la, dando-lhe remédios e atendendo a outros problemas para que ela viva bem. Acredito que a FUNAI tomará providências para que a estrada volte ao seu traçado primitivo, contornando o parque.

Integração

MEIRELES: "O que não podemos é criar problemas ao programa de integração nacional promovido pelo Govêrno. Essas áreas difíceis têm que ser integradas. A estrada de rodagem facilitara a ida de medicamentos e o acesso a áreas importantes do território.

Não podemos ser mais realistas. O Marechal Rondon nunca se opôs a abrir nenhuma frente pioneira para unir regiões. A estrada de ferro Noroeste do Brasil (que une São Paulo a Mato Grosso), estava cheia de índios, no seu traçado. O Marechal não se opôs a ela, mas impediu que se praticassem violências, ao construí-la. A Xavantina-Cachimbo deverá ser construída, mas como uma frente pacífica. Já é tempo de fazer com que esses índios comecem a promover a sua própria subsistência, produzindo e trabalhando, integrando-os ao nosso sistema econômico. Não há interêsse nosso, nem do índio, em mantê-lo como espécime raro para ser exibido como um animal, num parque.

NOEL: "Outras tribos que foram atraídas em outras épocas estão praticamente extintas. Os índios, quando integrados ao nosso sistema econômico, transformam-se em párias. Entre o nosso estágio de civilização e o do índio há quase 30 mil anos de distância. Os índios não se adaptam à nossa vida civilizada. Os que deixaram de ser índios, perderam-se, marginalizados. Entre o Paraná e Santa Catarina, havia mais de 10 mil índios. Foram integrados e vivem em total desgraça econômica e social.

MEIRELES: "Tanto por ocasião das pacificações, (e isso eu posso falar com experiência), como depois delas, os índios pedem para que os tornemos gente como nós. "Queremos ser gente, como vocês são gente", êles pedem. Isso é uma opção do índio. É um pedido dêle e não uma violência nossa."

Embora as opiniões sejam diferentes, ambos desejam cumprir o mesmo conceito de Rondon: "Morrer, se preciso fôr; matar, nunca."